



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

MEMÓRIA COLETIVA E IDENTIDADE SOCIAL EM UM CONTEXTO DE MUSEU, MUSEU DO CEARÁ 1990-2008

Yazid Jorge Guimarães Costa

Orientadora: Dra. Marília Xavier Cury

Bolsista CAPES/DS

Mestrando em Memória Social – PPG-MS/UNIRIO

yazidjorge@gmail.com

Na noite do dia 28 de dezembro de 1993, na Rua São Paulo 51, no centro de Fortaleza, ao lado da Praça dos Leões (oficialmente, Praça General Tibúrcio) realizou-se uma das muitas reaberturas oficiais do novo Museu do Ceará. Ele estava apresentando-se à sociedade cearense naquele momento com uma identidade nova, fruto de várias transformações ocorridas anteriormente e que perdurariam por um bom tempo.

Foram três destas formações que lançaram uma fagulha em nossa curiosidade. A constatação destas transformações não se deu, claro, ao acaso. Durante um período de estágio na referida instituição museológica, como monitor¹ do Núcleo Educativo tive contato não apenas com a história, ou memória, das peças que foram colecionadas ao longo do tempo, mas do próprio museu, seja este um lugar de disputa de memórias, de comunicação de experiência, da atividade lúdica e aprendizado, também um local de trabalho, construção material e imaterial de formas e discursos.

Tal conhecimento se deu de maneiras variadas. A produção acadêmica sobre a história do Museu do Ceará nos últimos anos foi de extrema utilidade, e me permitiram ter uma visão ampla do período anterior ao qual nos dedicamos no momento. Mas, tal olhar implicou na percepção da diferença, não apenas no período ao qual foi desenvolvida esta atividade, mas principalmente de fins dos anos 1980 até 2008.

Cabe ressaltar que o trabalho desenvolvido pelos monitores educativos nesta instituição tem uma gama variada de atribuições, seja guarda patrimonial, recepcionista, vigia da urna de doações, auxiliar administrativo, e por fim, monitor de ação educativa,

¹ Atualmente utiliza-se a contemporânea nomenclatura de “educador” aos profissionais que exercem suas funções ligadas ao Núcleo Educativo da instituição, porém assim eram chamados desde a criação do referido Núcleo, em 1998, até o ano de 2008.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

que engloba as atividades de recepção, discussão acerca da educação patrimonial, diálogo com visitantes, indivíduos ou grupos, direcionados ou livres.

Afirmamos, também, que um museu é também um espaço de sociabilidade, e uma mais específica que gostaria de ressaltar aqui, é a que desenvolvi foi permeada pelo diálogo com as memórias de alguns dos funcionários, e esta foi marcada no mais pelo contraponto entre “o antes” e o “agora”, ou, os períodos de 1993-1998, e (2000-2008), respectivamente, sendo que esta relação nem sempre implicava uma análise do tipo “bom/mau” por parte dos interlocutores, mas que estes percebiam claramente a transformação – ainda que não a partir de um arcabouço teórico-metodológico baseado em um modelo científico – no discurso institucional, trato expográfico, perfil geral do público, períodos de pico ou baixa de visitação.

Desta forma, tanto o conhecimento acadêmico, quanto o conhecimento oral apreendido durante a prática profissional levaram a percepção de que a partir de 1990 foi dado início a um período de transformações que levou o Museu do Ceará de um modelo de museu que se pautava na representação de memórias ligadas às elites, em um tom elogioso, e relegando às representações de setores não dominantes da sociedade um papel caracterizado pelo estigma ou a busca pelo “exótico”, a um período que acreditamos ser marcado pela busca da inclusão de cada vez mais sujeitos nas representações da memória oficial cearense, construídas a partir da museografia da instituição, incluindo seus diversos aspectos, administrativos, comunicacionais, etc..

Mas 1990 é só um marco. Sabemos que todos marcos são subjetivamente construídos, e que, em nosso caso específico, ele aparece também como conclusão de uma querela anterior. Explicamos tal, o fim de uma querela anterior, pelo fato de que o primeiro marco que apontamos é relativo à mudança da sede da instituição. Ocorrida efetivamente em 1990, mas há muito desejada por alguns setores da sociedade cearense.

Desde 09 de fevereiro de 1971 localizado à Avenida Barão de Studart, número 410, antiga residência oficial do governador, em 1990 o Palacete Senador Alencar foi reinaugurado pelo Governo do Estado do Ceará com a presença do então Governador do estado do Ceará, Tasso Ribeiro Jereissati, bem como da sua Secretária da Cultura,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Violeta Arraes, onde é demonstrada a intenção de neste espaço ser localizado o ainda denominado Museu Histórico e Antropológico do Ceará.

Sobre o assunto, Violeta Arraes afirma em fala ao jornal Tribuna do Ceará, em 26 de março de 1990, que “não há no mundo cultura alguma que se sustente sem um solo. O prédio não é um mero edifício antigo, ao contrário, é um templo onde será dada continuidade ao trabalho da cultura cearense. Para cá virá a história do Ceará.” (SILVA FILHO; RAMOS, 2007, p. 233)

A mudança da localização da sede do museu para o referido prédio - construído entre 1856 e 1871 e tombado como monumento histórico nacional em 1973 – era intencionada desde meados da década de 1970, como demonstra a matéria publicada em 06 de maio de 1977, no jornal O Povo, que versando sobre a instalação, no então Museu Histórico e Antropológico do Ceará (MHAC), do Centro de Estudos Históricos e Antropológicos do Ceará (CEHAC), afirma que durante a sessão inaugural deste centro, entre outros assuntos abordados, é posto em relevo a formação de uma comissão do Centro ao secretário da Cultura, Ernando Uchoa Lima, “com a finalidade de solicitar a interferência daquela autoridade quanto à possibilidade da transferência do Museu para a atual sede da Assembleia legislativa”. (Idem, p. 189)

Em 19 de maio do mesmo foi publicado pelo mesmo jornal, O Povo, artigo intitulado “Academia ou museu?” assinado por Lauro Ruiz de Andrade, um dos membros da já citada comissão que se dirigiu ao secretário de Cultura. Neste artigo temos o desfecho temporário da disputa, bem como a explicitação de algumas motivações que levaram o grupo a cogitar a transferência da sede para o Palácio Senador Alencar. Comentando a reunião, Andrade afirma que “o museu estadual achase localizado em prédio impróprio a sua funcionalidade, embora disponha de terreno de ampliação” E mais, que

o Palácio Senador Alencar, em ponto mais acessível, no centro da cidade, tem a seu favor a proteção do Serviço do Patrimônio Histórico. Mereceria, portanto, ser escolhido para depósito dos troféus de nossa tradição, complementando as funções do Palácio da Luz, em muito boa hora transformado em Palácio da Cultura e arte. (Ibidem, p. 191)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Apenas em 1990 o Palácio Senador Alencar passou a ser a casa do Museu do Ceará, e, a Academia Cearense de Letras passou a ser localizada no já referido Palácio da Luz. E é neste momento que também ocorre outra transformação.

O Museu Histórico e Antropológico do Ceará passa a ser denominado Museu do Ceará. Tal mudança ocorreu em um ambiente de discussões que implicava qual a identidade do Museu, o que seria representado lá. O que cabia ser representado no museu. Ruoso destaca neste contexto as discussões acerca da defesa da profissão de museólogo e da prática museológica no Estado do Ceará a partir das figuras de Henrique Barroso Medeiros, João Alfredo Donas de Sá Pessoa e Gilberto Brito, sendo os dois primeiros museólogos, e o último, restaurador. Porém não foram apenas estes sujeitos envolvidos nestas discussões, como demonstra Ruoso (2009).

A terceira transformação se dá relacionada à transformação também do perfil de gestão da instituição. O perfil de gestão seguido de 1990 a 2008 passou a ser de historiadores academicamente formados, notadamente pela Universidade Federal do Ceará (UFC), que, de modo a exemplificar esta transformação, de 1932 a 1942, esteve o então Museu Histórico do Ceará, Eusébio de Sousa, advogado; 1942- 46, o museu foi dirigido em caráter interino por alguns sujeitos; de 1946 a 51, Fidélis Alves da Silva (de 1942 a 46 ele era o diretor, não assumido por incompatibilidade²); de 1952 a 1960 e 1962-67 ficou a direção ao cargo de Raimundo Girão, 1960-62, a Manuel Albano Amora; 1967-1970, Clésio Girão; e de 1971 a 1990, Osmírio Barreto, dentista e professor de história da rede pública de ensino (SILVA FILHO; RAMOS, 2007: 112, 115, 120, 127, 131, 143, 157, 159).

Cabe ressaltar que o sublinhado que se faz em relação ao perfil de gestão diz respeito à formação acadêmica no campo histórico. Tal o é feito para separar deste perfil de gestão apontado como transformador as figuras de, por exemplo, Eusébio de Sousa e Raimundo Girão, reconhecidos historiadores cearenses, sendo tal conferido pelos seus pares do Instituto Ceará, de onde saiu grande parte dos diretores do museu

² Moreno afirma que “durante o governo do interventor Dr. Francisco de Menezes Pimentel, foi nomeado para substituí-lo [Eusébio de Sousa] o advogado Fidélis Alves da Silva, o qual, logo em seguida, em virtude de problemas de saúde teve de se ausentar, assumindo interinamente em seu lugar o jornalista Antônio Paes de Castro, diretor do matutino ‘A Rua’, Artur Benevides e por último, Hugo Catunda. Em nove de janeiro de 1946 reassume o cargo o diretor efetivo Fidelis Alves.” (1998, p. 32)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

neste período (1932-1990)³, bem como da historiografia cearense atual (MENEZES, 2001, p. 75).

Nossa baliza de fechamento se encontra no ano de 2008, quando, entre outros acontecimentos, sai da direção do Museu do Ceará, desde o ano 2000, Francisco Régis Lopes Ramos, historiador e professor do Departamento de História da UFC. Esta baliza final não se dá pelo fato de os autores inferirem existir uma ruptura entre as práticas desenvolvidas na instituição em período posterior, nem por acreditar na fórmula da personificação do gestor como marca maior do período.

Tal se dá na busca de um distanciamento que já difícil devido à proximidade temporal dos fatos analisados, seria extremo quando as memórias do pesquisador fossem acionadas não a partir de duas fontes, mas de sua memória individual, construída coletivamente no período em que esteve em contato que não pesquisando, mas vivenciando tal experiência.

A partir destes marcos, realizamos o seguinte questionamento: Quais foram as condições de possibilidade – políticas, sociais e culturais - que permitiram a construção de um diferente discurso museológico e historiográfico na instituição Museu do Ceará, a partir de 1990, que transformou a identificação institucional de templo, à fórum?

Esta pergunta não pode ser respondida ainda, porém, neste momento gostaríamos de refletir sobre algumas questões diferentes, que acreditamos ser proveitosas no sentido que possibilitam uma abordagem ampla do nosso problema. Será nossa principal tarefa a partir daqui, refletir sobre a relação entre memória coletiva e identidade – seja ela individual, coletiva, cultural – desenvolvida a partir desta instituição museológica dada, em um recorte temporal estabelecido.

MEMÓRIA COLETIVA E IDENTIDADE

Lançar um olhar sobre qualquer museu implica em posicionamento acerca daquilo que se nomeia. Um museu pode ser apreendido como uma instituição museológica (MAIRESSE; DESVALLÉES, 2007), (VAN MENSCH, 1992); instituição de

³ Sobre o período entre 1932 e 1990, observar os trabalhos já publicados pelo Museu do Ceará: HOLANDA, 2005; OLIVEIRA, 2009; e, principalmente, sobre estas três transformações, RUOSO, 2009.



memória (NAMER, 1987); lugar de memória (NORA, 1993); entre outras possibilidades de olhares.

Acreditamos que de fato os museus sejam como afirma Nora (1993), lugares de memória, discordamos, no entanto, deste quando realiza oposições entre memória e história, e da constatação em tom nostálgico acerca do aumento destas formas de representação (os museus) devido ao colapso das grandes memórias nacionais.

Acreditamos que sim, o colapso das grandes memórias nacionais é evidente, mas apoiamos tal transformação no sentido em que concordamos com Huysen, quando este afirma que “se reconhecemos a distância constitutiva entre a realidade e sua representação em linguagem ou imagem devemos, em princípio, estar abertos para as muitas possibilidades diferentes de representação do real e de suas memórias” (HUYSSSEN, 2000, p. 22).

Mas o museu, ainda que lugar de memória, não deixa de ser instituição de memória, Namer nos diz que “o museu é memória de um antigo contexto de certos objetos, mas ele unifica, pelo próprio contexto que o cria, em uma memória social os objetos, expressão de vontades de memória coletiva diferentes.”⁴ (NAMER, 1987, p. 179) (tradução nossa). Sendo este um lugar, então, de memória social, que a partir de objetos, elementos da cultura material, cria e expõe vontades de memórias coletivas diferentes, em uma memória social, precisamos entender o que são estas memórias coletivas, e um dos elementos envolvidos neste processo de construção de memórias, a identidade.

Como nos lembramos? O que nos faz trazer à tona em nossas mentes imagens, sons, cheiros, pensamentos de coisas que vimos, que não vimos, que vivemos e que não vivemos? A memória é individual? Cada pessoa tem a sua e cada uma delas é diferente?

Santos nos ajuda a responder algumas destas respostas ao refletir sobre os escritos do sociólogo francês Maurice Halbwachs, quando afirma que

indivíduos não se lembram por eles mesmos, isto é, para lembrarem, eles necessitam da lembrança de outros indivíduos, para confirmarem ou negarem

⁴ “Le musée est mémoire de l’ancien contexte de l’objet certes, mais Il unifie, par Le contexte même qu’il crée, em une mémoire sociale lês objets, expression de volentés de mémoire collective différentes” (NAMER, 1987: 179)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

suas lembranças, que por sua vez estão localizadas em algum lugar específico no tempo e no espaço. (SANTOS, 1998: 04)

Desta forma, compreendemos que a memória é construída interativamente, por meio do contato entre os indivíduos e que a partir deste contato e da troca de experiências é possível a construção de uma memória coletiva. Para Santos, quando percebemos que nossa memória está relacionada a um quadro mais amplo (conjunto de representações relativas ao espaço, tempo e sujeitos relacionados a construção desta memória coletiva), nos é possível a compreensão de que apesar de que esta construção se dê sempre no presente, ela às vezes está em um contexto que é anterior a nós mesmos.

Precisamos ir mais a fundo e entender o que compõe a memória, Pollak (1992) afirma que os componentes da memória, seja individual ou coletiva, são: os acontecimentos que nós vivenciamos, bem como aqueles dos quais só tomamos conhecimento; as pessoas ou personagens que viveram no mesmo período ou não; os lugares relacionados às memórias, não necessariamente localizados em um tempo-espaço real vivenciado.

Ao apresentar tais elementos que compõem, basicamente, as memórias, Pollak ressalta a possibilidade frequente desta construção se dar a partir de datas, espaços ou personagens que não são exatamente coerentes, caso comparadas com outras fontes, mas isto se dá, entre outros motivos, pelo que já foi citado, de que a memória é um processo que é construído com fragmentos do passado, mas a partir do presente, e de preocupações políticas e pessoais. Ele afirma que

esse último elemento da memória - a sua organização em função das preocupações pessoais e políticas do momento mostra que *a memória é um fenômeno construído*. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. (POLLAK, 1992, p. 203)

E também Gonçalves concorda com os outros autores, nos dizendo que “se por um lado construímos intencionalmente o passado, este, por sua vez, incontrolavelmente se insinua, à nossa inteira revelia, em nossas práticas e representações.” (GONÇALVES, 2005, p. 20), e neste sentido fazemos coro aos autores, tendo em vista que não é uma verdade quase palpável que se busca ao trabalhar com a memória, muito



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

menos a totalidade do relato, mas isto não é um privilégio deste campo, já que tal formato de verdade não pode ser alcançado. Mas esta constatação não é inédita. Segundo Santos, Halbwachs, ao pensar a memória coletiva, já afirmava em seus escritos que

a memória é fruto de interações sociais que ocorrem no presente; de que nestas interações dá-se a constituição da imagem de cada "um" no "outro"; e de que a personalidade dos indivíduos se forma nestes contextos interativos, de forma fragmentada e aberta a múltiplas composições (HALBWACHS, 1925, *s/p apud* SANTOS, 1998, p. 09)

Desta forma, ainda que nós, no presente, tenhamos papel fundamental na construção de memórias, nós só a fazemos a partir das relações que desenvolvemos com pessoas, lugares e tempos, e todas estas relações são possíveis de vontades de memória, que podem tornar-se fragmentos, e estes fragmentos que serão utilizados para compor as memórias coletivas. No caso do Museu do Ceará, os fragmentos de memória utilizados para criar representações sob as formas de exposição, livros, catálogos, etc., são os objetos colecionados ao longo de sua existência.

Acreditamos, assim como afirma Halbwachs (1950) que existem tantas memórias coletivas quantos grupos existem, e no contexto de 1990-2008, como já afirmado, os grupos detentores do controle do poder de decisão desenvolvem uma ação neste momento que vão culminar com a resignificação do conteúdo, e também da forma como estas memórias serão apresentadas ao público, e este também mudará.

Temos falado de como a memória é sempre construída no presente, mas ao afirmarmos de que sim, o passado está posto nas memórias, nós devemos falar sobre a memória que já chega a nós, “pronta”. Pollak afirma que “a memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa” (1992, p. 203), assim podemos afirmar que ela se relacionaria àqueles fatos ou personagens que não estão localizados em um espaço-tempo coerente com o tempo de vida do indivíduo, por exemplo.

Não seriam os objetos de museu, fragmentos de memória que são herdados de geração em geração? Mas quais as implicações de serem eles fragmentos de memória herdada de outros grupos? Neste sentido, é válido o que nos diz Pollak, quando este afirma que “a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se



trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade” (POLLAK, 1992, p. 204).

Esta ligação “fenomenológica muito estreita a entre memória e o sentimento de identidade” é o que nós acreditamos ser o patrimônio, que pode englobar neste conjunto as práticas, saberes e fazeres, elementos da cultura material, paisagens naturais e urbanas, edificações, manifestações musicais, entre outras formas de representações que um grupo determine salvaguardar em proveito do conhecimento, lazer, fruição, dentre outras práticas, de outras gerações.

Gonçalves ainda afirma que quando relacionamos a ideia de patrimônio a duas concepções de cultura – a primeira, entendida como exercício, trabalho; a segunda, como o “espírito” de uma sociedade – o patrimônio se configura então como também dual, tendo em vista que este representaria, na primeira noção, como trabalho consciente, construção; e a segunda, como expressão de uma nação ou grupo social, um patrimônio herdado.

Desta forma,

os patrimônios podem assim exercer uma mediação entre os aspectos da cultura classificados como “herdados” por uma determinada coletividade humana e aqueles considerados como “adquiridos” ou “reconstruídos”, resultantes do permanente esforço no sentido do auto aperfeiçoamento individual e coletivo. (GONÇALVES, 2005, p. 28)

Mas, em um contexto como o que estamos nos referindo, um museu criado em 1932 pelo Governo Estadual do Ceará, e responsável pela construção da memória oficial cearense, é possível que nem todos os cearenses vissem aquelas memórias lá representadas como suas, se apropriassem delas e construíssem uma memória coletiva. Falando de um contexto maior, Gonçalves afirma que é necessário que o patrimônio tenha ressonância com seu público. O autor afirma que a ressonância diz respeito “ao poder de um objeto exposto atingir um universo mais amplo, para além de suas fronteiras formais, o poder de evocar no expectador as forças culturais complexas e dinâmicas das quais ele emergiu e das quais ele é, para o expectador, o representante.” (GREENBLATT, 1991, p. 42-56, *apud* GONÇALVES, 2005, p. 19).

Acreditamos que este é o momento que buscávamos. Como é possível a ressonância sem que haja, antes disso, a identificação do público com aquelas memórias



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

que são representadas no espaço museológico? Mas e o que é identidade? E como se forma esta identidade? Ou seriam estas?

Sobre as instituições situadas que situadas entre memória e história Gonçalves afirma que,

no processo de construção dessas instituições situadas entre a memória e a história (tais como o patrimônio, as coleções, os museus, os monumentos, os arquivos), opera-se um trabalho cuidadoso de eliminação das ambiguidades. [...] Essa eliminação da ambiguidade e da precariedade dos patrimônios culturais pode colocar em risco o seu poder de ressonância, seu poder de “evocar no espectador as forças culturais complexas e dinâmicas de onde eles emergiram” (Idem, p. 19-20)

Como um lugar de memórias, e tratando-se de uma instituição que representa memórias a partir de fragmentos, acredita-se, assim como afirma Chagas que o museu é “arena, espaço de conflito, campo de tradição e contradição” (CHAGAS, 2006, p. 31).

O que se disputa em um museu não é apenas qual memória será representada, mas qual, ou quais, identidades serão apresentadas como possíveis, e estas identidades também se apresentam como contendoras. Santos afirma que

o trabalho de Halbwachs nos permite compreender que lugares da memória apresentam um poder [...] capaz tanto de impor a representação de um grupo sobre outros, quanto de abrir um espaço para que grupos oprimidos possam fortalecer suas identidades através da recuperação de traços da memória. (SANTOS, 1998, p. 07)

E Pollak conclui que “a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis” (1989, p. 09). Mas, nós voltamos a algumas perguntas anteriormente feitas. Como é possível que haja uma identificação do visitante com as memórias representadas em um museu, se não há um hábito construído que dê esta possibilidade?

Não dispomos ainda de cruzamento de dados acerca da visitação do equipamento e da recepção do público para afirmar que a visitação de museus é ou não um hábito da sociedade cearense, nem é este nosso objetivo. Porém, Bourdieu, ao refletir sobre a crítica social do gosto, afirma que as práticas culturais e referências estão ligadas ao nível de instrução e à origem social do sujeito (BOURDIEU, 2007, p. 09).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Foram ações realizadas durante a gestão de Valéria Laena, 1993-1998, pontualmente: a apresentação de inúmeras exposições de curta duração, grande parte delas de caráter artístico, sem o uso do acervo salvaguardado no Museu, notadamente de artistas cearenses, com temas desde Jangadas, em 1998, com cerca de 50 obras de 40 artistas cearenses; e, Tauape, em 1996, exposição de xilogravuras sobre o bairro de mesmo nome da capital cearense, por exemplo.

Apesar da predominância de exposições temporárias de caráter “artístico”, já neste momento exposições de caráter histórico foram sendo apresentadas ao público, como: A escravidão no Ceará, com curadoria da historiadora Berenice Abreu de Castro Neves, futura diretora do Museu; e Religiosidade no Ceará, cuja curadoria ficou sob a responsabilidade do também futuro diretor do Museu do Ceará, Francisco Régis Lopes Ramos, ambas em 1994, entre outras.

Tais ações fizeram parte do plano de requalificação do Museu do Ceará, e culminaram com a elaboração da exposição de longa duração denominada “Terra da Luz e Ceará-moleque: que história é essa?”, aberta ao público em 25 de março de 1998, cuja expografia foi de responsabilidade da arquiteta Gisela Magalhães, profissional de reconhecido destaque no período no âmbito dos museus, ficando a pesquisa histórica sob a responsabilidade do historiador, professor do Departamento de História da UFC, Sebastião Rogério da Ponte.

Ainda em 1997 podemos, a partir de fala da diretora, perceber parte das intencionalidades do grupo gestor ao realizar esta série de ações, que podem ser colocadas no que esta chama de “reforma”, Valéria Laena afirma em matéria no dia 21 de fevereiro de 1997, no jornal Diário do Nordeste, que “depois da reforma, acredito que o museu será a menina dos olhos dos guias de turismo. No ano passado tivemos uma média de três mil visitantes mensais. A expectativa é dobrar este número.” (SILVA FILHO; RAMOS, 2007, p. 252).

A matéria do dia 08 de julho de 1998, logo, quase quatro meses após a reinauguração do Museu dá conta de que a média de público estava em cerca de 2000 visitantes mensais. Mas qual era o público ambicionado pelo MC?



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Este questionamento é em parte motivado por um dos muitos artigos publicados na imprensa cearense repercutindo a exposição de longa duração, especificamente, um de autoria de Alexandre Barbalho, no jornal O Povo, de 18 de abril de 1998, diz o trecho, após certa reflexão sobre a vida contemporânea e o esvaziamento de espaços públicos de lazer na cidade contemporânea:

Para alguns, principalmente acadêmicos, carnavalizaram o acervo, colocando-o em cenários, diluindo o valor de unicidade das peças. Para outros, em geral “visitantes comuns”, o novo espaço é um local prazeroso, atraente. [...] Unindo, ao mesmo tempo, o novo e o antigo o Museu perde o ranço passadista e sacralizante que possuía desde sua criação em 1932, pelas mãos de Eusébio de Sousa (SILVA FILHO; RAMOS, 2007, p. 269)

O articulista põe em relevo, ainda, que parte dos visitantes, vistos como “antigos frequentadores”, os identificados aos aparelhos culturais tradicionalmente ligados às elites dominantes, o Instituto do Ceará, e a Academia Cearense de Letras.

Pela fala da diretora, o alvo são os guias de turismo com seus ônibus lotados de visitantes. Mas e a identidade? Os debates contemporâneos discutem a identidade a partir da noção de pluralidade, relacionando-se com o contexto do colapso das grandes memórias nacionais, e que “com o fim das ‘grandes narrativas’, nosso mundo encontra-se em uma fase de criatividade intensa feita de múltiplas buscas identitárias e, simultaneamente, de novas culturas declarativas de identidade.” (AGIER, 2001: 23)

E que, mais do que nunca as identidades estão sendo utilizadas em larga escala por cada vez mais grupos e mais indivíduos, com os mais variados propósitos. Agier nos fala de alguns destes usos quando afirma, irônico, que

em conflitos políticos, fundiários ou urbanos, movimentos identitários (étnicos, religiosos, locais etc.) inventam-se a si mesmos ao mesmo tempo em que expõem sua “identidade cultural” como fonte de legitimação em face dos outros ou do Estado. [...] Ao exibi-la, eles produzem uma concepção museográfica da cultura material, intocável e “pura”. (AGIER, 2001: 22)

Como esperamos ter deixado claro, a identidade agora não é mais única, ela é plural, pois “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas.” (HALL, 2006, p. 12)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A pluralidade de situações que a vida contemporânea impõe ao sujeito determina que “uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada.” (Idem, p. 21)

Esta politização da identidade pode ser relacionada também ao empoderamento de inúmeros grupos sociais desde o fim da primeira metade do século XX, que em parte buscou seu reconhecimento/legitimação a partir da cultura, sobre o que Hannerz afirma que

à medida que o conceito de cultura vem se popularizando em círculos cada vez mais amplos, ressurgem uma forte tendência para focalizar a atenção na cultura unicamente como um marcador de grupos. Na “política de identidade”, nos debates sobre o multiculturalismo, em muitos contextos de “estudos culturais”, o termo tem se tornado basicamente um fundamento para a formação e a mobilização de grupos, geralmente implicando pertencimentos atribuídos. Ou, por outro lado, se transforma num instrumento de exclusão social por parte das maiorias dominantes. Pode ser que haja uma preocupação com a autonomia da cultura e a defesa da herança cultural por si mesmas, embora com frequência essa retórica da cultura esteja estreitamente associada tanto ao poder quanto aos recursos materiais. (HANNERZ, 1997, p. 16)

Outra constatação sobre a relação entre a cultura e identidade na contemporaneidade vem de Bauman, que nos fala que atualmente, as noções de “pertencimento” e “identidade” não são fixas, imutáveis, o autor concorda com a pluralidade de identidades, mas foca no papel do indivíduo enquanto ator principal nas escolhas a serem feitas (BAUMAN, 2005, p. 17).

Este identifica, também, uma relação entre o colapso das identidades nacionais únicas

as duas coisas caminham em par – a debilidade do conjunto de crenças, símbolos e normas que une todos os membros da sociedade politicamente organizada, e a riqueza, densidade e diversidade dos símbolos identitários alternativos étnicos, históricos, religiosos, sexuais, linguísticos, etc. (Idem, p. 87)

Mas, para se compartilhar uma identidade, uma memória, ou um patrimônio, é necessário que você tenha domínio do código em que estão representados. Como Halbwachs já apresentou em seu ensaio sobre a memória entre os músicos, uma reflexão sobre a lembrança do som, seja ele musical ou natural, e chega à conclusão, ainda que isto não fique explícito, de que para lembrarmos, usamos sempre um código de



representações e que para criar tais representações devemos ter o domínio deste código (HALBWACHS, 2006).

Quando o visitante entra em um museu e sequer sabe o que é um museu, é extremamente complicado para ele compreender também, o que aquele monte de objetos quer dizer. Eles podem dizer inúmeras coisas, isto é um fato, o que é uma pena é que devido ao “desconhecimento do código” inúmeras pessoas não possam apreender o discurso que o museu propõe, e desta forma, tomar aquelas memórias como suas em conjunto a um processo de identificação e patrimonialização destas memórias.

Acreditamos que foi no sentido de ampliar as possibilidades de visita que o MC desenvolveu parte de suas atividades no recorte que nos propomos a analisar. Como já apresentado, o gosto da visita a um museu é uma prática cultural que se relaciona à instrução e a origem social, e que sem esta prática, que implica um conhecimento do código para compreender a linguagem específica do museu, a exposição, por exemplo, não é possível a construção das memórias, nem a formação de identidades.

Uma destas possibilidades foi a instalação de um Núcleo Educativo em 1998. Esta também não foi uma ação que ocorreu sem um processo que a respaldasse. Desde 1995 foram ministradas inúmeras oficinas de educação patrimonial pela socióloga Fátima Façanha, que se tornou em 1998 coordenadora do recém-fundado Núcleo Pedagógico. Este era composto por quatro estagiários e dois monitores das áreas de pedagogia, história, sociologia e biblioteconomia. Em 03 de março de 1998, no entanto, há notícias de que os responsáveis pelo Núcleo seriam os professores Maria Célia, de quem ainda não dispomos informações, e do já citado Sebastião Rogério da Ponte.

O referido Núcleo Pedagógico, em suas oficinas ministradas a professores e coordenadores da rede pública e privada de ensino, bem como outros interessados, tinha como objetivo não só a formação de público para o Museu, mas, principalmente, a capacitar tais visitantes sobre como o museu poderia ser visitado.

É transformada, também, a visão de como deve ser a educação em um museu. Ruoso (2009) identifica na gestão de Osmírio Barreto, de 1971 a 1990, uma intensa preocupação com o papel educativo do MHAC, no entanto, o classifica a partir da noção de “educação bancária”, de Paulo Freire.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Neste momento, e também até o fim de nosso recorte, a educação pensada a ser desenvolvida no museu se relaciona com a ideia de que o visitante ao percorrer uma exposição deve ser “envolvido pela informação”, além, é claro, do caráter multidisciplinar do Núcleo Pedagógico, que como já afirmado, contou com profissionais de áreas diversas.

Um dos fatos que gostaríamos e pôr em relevo, também, é a realização do curso “Museologia, museu, educação e cidadania”, em maio de 1998, pela museóloga da Universidade Federal da Bahia, Maria Célia Santos, que acreditamos ter sido extremamente importante para o desenvolvimento futuro da ação educativa no Museu do Ceará, que combinada à museografia desenvolvida neste espaço, irá buscar não apenas virar “a menina dos olhos dos guias de turismo”, mas incluir cada vez mais sujeitos enquanto frequentadores de museu, em um exercício de cidadania.

Mas, qual deve ser a função de um museu dedicado à memória e a cultura cearense, mantido pelo poder instituído? Para esta resposta ainda não temos resposta, mas fica a que Hall nos dá sobre as identidades nacionais:

Para dizer de forma simples: não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero, ou raça, uma cultura nacional busca unifica-los numa identidade cultural, para representa-los todos como pertencendo à mesma grande família. [mas] em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensa-las como constituindo um *dispositivo discursivo* que representa a diferença como unidade ou identidade. (Hall, 2006, p. 59-62)

Talvez seja esta a nova função do Museu do Ceará, não mais espaço de representação da memória cearense oficial unificada, mas um dispositivo que tenta, a partir da representação da diferença, uma imagem de unidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao perceber que os processos relativos à memória estão sempre sendo realizados a partir do presente, percebemos que estas escolhas são feitas tanto consciente quanto inconscientemente, mas isto não é o importante, e sim que todas as memórias estão sempre em disputa, sejam as identidades consumíveis contemporaneamente, as identidades unificadas do início do século XX.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Estão em disputa não apenas para afirmar que são memórias, elas estão lá para afirmar que são também identidades, buscando coesão e continuidade entre as gerações, mas obviamente, estes são exemplos de olhares, nunca a totalidade.

O espaço museológico pode ser apreendido então não apenas como uma instituição de representação de memórias, mas um espaço de construção e afirmação de identidades, identidades que também se modificam ao longo do tempo, de acordo com os grupos que detêm o controle do poder discursivo.

Porém, no fim o museu é só mais uma das ferramentas encontradas na sociedade para o uso dos sujeitos encontrarem a si mesmos, e principalmente, aos outros.

BIBLIOGRAFIA

- AGIER, Michel. Distúrbios identitários em tempos de globalização. *MANA* 7(2):7-33, 2001
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- _____. *Identidade no mundo globalizante*. In: *A Sociedade Individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- CHAGAS, Mário de Souza. *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade*. Chapecó: Argos, 2006.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios*. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, jan/jun 2005.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HANNERZ, ULF. Fluxos, fronteiras e híbridos: palavras-chave da Antropologia. *MANA*. Rio de Janeiro, nº 3, p. 7-39, 1997.
- HOLANDA, Cristina Rodrigues. *Museu Histórico do Ceará: a memória dos objetos na construção da História (1932-1942)*. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2005.
- HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- MAIRESSE, François; DESVALLÉES, André. *Vers une redéfinition du musée*. Paris: L'Harmattan, 2007.
- MARCUS, George. *Identidades passadas, presentes e emergentes*. *Revista de Antropologia*. São Paulo, USP, n. 34, 1991, pp. 197-221.
- MENEZES, Eduardo Diatahy Bezerra de. *Os historiadores do Ceará*. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, ano 115, 2001.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

MORENO, Márcia Rejane Bitu. Museu do Ceará – Relatos da Administração de um bem cultural (1932-1996). 1998. Monografia (Especialização em Gestão Pública). Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Universidade Estadual do Ceará, 1998.

NAMER, Gerard. Mémoire et Sociétés. Paris: Méridiens Klincksieck, 1987.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, p7-28, dez, 1993.

OLIVEIRA, Ana Amélia Rodrigues. Juntar, separar, mostrar: memória e escrita da história do Museu do Ceará (1932-1976). Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2009.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

_____. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RUOSO, Carolina. O Museu do Ceará e a linguagem poética das coisas (1971-1990). Fortaleza: Museu do Ceará ; Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2009.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Sobre a Autonomia das Novas Identidades Coletivas: alguns problemas teóricos. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 13, n. 38, São Paulo, out. 1998.

SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo; RAMOS, Francisco Régis Lopes (org.). Fortaleza: Associação dos Amigos do Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2007.